

Maria de Fátima Silva

—•—
O
—•—
MISTERIOSO
—•— CASO DO —•—
TUBINHO
PRETO
—•—

O MISTERIOSO CASO DO TUBINHO PRETO

DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros

REVISÃO: Autores

DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira da Silva

DESIGNER DE CAPA FINAL: Editora Hawking

FONTE IMAGEM: Editora Hawking

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas da autora. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade da autora.



Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2026 Editora HAWKING

Av. Fernandes Lima, nº 08 - Farol Maceió - Alagoas, 57051-000

www.editorahawking.com.br editorahawking@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Bruna Heller (CRB10/2348)

S586m

Silva, Maria de Fátima.

O misterioso caso do tubinho preto [recurso eletrônico] / Maria de Fátima Silva. – Maceió, AL: Editora Hawking, 2026.

Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-81683-69-6

1. Literatura portuguesa. I. Título.

CDU 869.0

Índice para catálogo sistemático:

1 Literatura portuguesa 869.0

Maria de Fátima Silva

O MISTERIOSO CASO DO TUBINHO PRETO

Maceió - AL
2026



Direção Editorial

Dra. Betijane Soares de Barros
Instituto Multidisciplinar de Alagoas – IMAS (Brasil)

Conselho Editorial

Dra. Adriana de Lima Mendonça/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dra. Ana Marlusia Alves Bomfim/ Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL (Brasil)

Dra. Ana Paula Moraes Carvalho Macedo /Universidade do Minho (Portugal)

Dra. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Eduardo Cabral da Silva/Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Brasil)

Dr. Fábio Luiz Fregadolli//Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Maria de Lourdes Fonseca Vieira/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Jamyle Nunes de Souza Ferro/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Laís da Costa Agra/Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ (Brasil)

Dra. Lucy Vieira da Silva Lima/Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Rafael Vital dos Santos/Universidade Federal de Alagoas –
UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes – UNIT (Brasil)

Dr. Anderson de Alencar Menezes/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

O MISTERIOSO CASO DO TUBINHO PRETO

Tudo aconteceu em uma linda tarde de outono... A Sra. Beatriz estava ansiosa. Sentada à frente da penteadeira branca, arrumava com cuidado seus belos cabelos cacheados. Com zelo para não exagerar, rosava as bochechas com seu blush preferido. Embora não fizesse uso frequente de maquiagem, a ocasião era realmente **ESPECIAL**: o dia de sua tão sonhada formatura na faculdade, era, o projeto de uma vida!

O cheiro adocicado de seu perfume pairava pelo ar quando o silêncio do quarto foi interrompido bruscamente.

— Mamãe! Mamãe! Como acha que estou? — bradou Vitória, de 10 anos, rodopiando alegremente em seu vestido florido.

— Linda, minha flor! — respondeu Beatriz, unindo suas mãos às da filha.

Logo em seguida, o filho Davi, de 12 anos, apareceu tentando engrossar a voz para parecer mais velho: — Tá certo, mamãe! Será um prazer ir elegante assim. Para falar a verdade, esses sapatos de bico estreito são até confortáveis...

Por fim, o Sr. Antônio, o patriarca, entrou no quarto um tanto apreensivo com a gravata enroscada no pescoço. Mas ele não vinha sozinho. Trazia nas mãos uma caixa imponente, com um belo laço de fita de cetim vermelho.

Com lágrimas nos olhos, Antônio entregou o presente e explicou que era uma réplica perfeita daquele vestido "tubinho preto" que Beatriz havia ganhado de sua mãe aos 18 anos e que, por dificuldades financeiras, precisara vender para um brechó no passado. Ao abrir a caixa e vestir a peça, Beatriz sentiu-se a mulher mais feliz do mundo. O vestido caiu como uma luva.

Naquela noite de festa, o tubinho preto tornou-se um símbolo de vitória. Beatriz prometeu guardá-lo trancado a sete chaves no armário, para ser usado apenas na formatura de seus próprios filhos.

E foi aí que o mistério começou...

O Sumiço Inexplicável

Cinco anos se passaram. Davi agora tinha 17 anos e estava prestes a se formar no ensino médio como o primeiro da classe. Na manhã do grande dia, Beatriz foi até o guarda-roupa buscar a relíquia. Introduziu a chave dourada na gaveta secreta, girou-a... mas, ao puxá-la, seu coração parou.

A gaveta estava vazia.

O vestido havia sumido. Não havia sinais de arrombamento. Desesperada, Beatriz reuniu a família na sala. Antônio, Vitória e Davi juraram que não tinham tocado na chave. Quem poderia ter entrado na casa e levado justamente aquela peça de valor puramente sentimental?

Foi então que Vitória, que adorava livros de investigação, notou algo estranho no chão do corredor: um rastro sutil de terra escura e úmida, misturado com pétalas murchas de uma flor exótica, que levava até a janela da cozinha.

A janela estava destrancada.

Os Suspeitos

Decidida a recuperar o vestido antes da cerimônia de Davi, que aconteceria às 19h, a família Patriarca começou a investigar a vizinhança. O clima de expectativa tomou conta do bairro. Havia dois suspeitos principais:

- **Dona Hermínia (A Vizinha Curiosa):** Uma senhora idosa que passava o dia na janela observando a vida alheia com seus binóculos. Ela tinha uma conhecida obsessão por roupas vintage e sempre cobiçou a elegância de Beatriz.
- **Gael (O Novo Jardineiro):** Um jovem misterioso e calado, contratado há apenas duas semanas para cuidar das plantas do condomínio. Ele sempre usava botas sujas de terra escura... idêntica à encontrada no corredor.

Vitória e Davi decidiram confrontar Gael no jardim do condomínio. Ao ver os jovens se aproximarem, o jardineiro empalideceu e escondeu rapidamente uma sacola plástica atrás de um arbusto de azaléias.

— O que você está escondendo aí, Gael? — perguntou Davi, adotando sua postura mais firme.

Com as mãos tremendo, Gael puxou a sacola. Lá dentro havia... um par de luvas velhas e podas de plantas. — Eu não peguei nada! — gaguejou o rapaz. — Mas... eu vi algo estranho ontem à noite. Vi uma sombra alta, usando uma capa escura, saindo dos fundos da casa de vocês por volta das dez horas. Essa pessoa deixou cair isso aqui perto do portão.

Gael estendeu a mão e entregou a Davi um objeto que fez o sangue de todos congelar: **um antigo botão de madreperla**, idêntico aos que fechavam as costas do tubinho preto de Beatriz. E o botão exalava um perfume familiar, mas que não era o de Beatriz... era um aroma forte de lavanda e naftalina.

O Confronto e a Reviravolta

Faltavam apenas duas horas para a formatura. O relógio corria implacável. Guiados pela pista do cheiro de naftalina, Antônio e Beatriz foram até a casa de Dona Hermínia.

Ao baterem na porta, a velha senhora atendeu com um olhar sobressaltado. A casa estava na penumbra. Ao fundo, sobre o sofá, havia um vulto preto.

— Dona Hermínia, precisamos do vestido de volta — disse Antônio, direto.

A idosa começou a chorar, mas, para a surpresa de todos, balançou a cabeça: — Eu não roubei! Eu juro! Eu só... eu o encontrei no lixo da esquina ontem à noite! Eu conhecia a história dele, sabia que era de Beatriz, e o recolhi para tentar limpá-lo e devolver! Olhem para ele!

Ela se afastou, revelando a peça sobre o sofá. Não era o tubinho preto de Beatriz. Era apenas um casaco velho e rasgado, muito parecido de longe, que alguém havia descartado.

Beatriz sentiu as forças esvaírem-se. O tubinho preto original tinha sumido para sempre. O mistério parecia insolúvel, e o relógio marcava 18h15. Eles precisavam ir para a formatura de Davi. Triste, a família se arrumou em silêncio. Beatriz vestiu um traje comum, com o coração partido.

A Revelação Surpreendente

A cerimônia de formatura foi linda, mas Beatriz mal conseguia sorrir. Quando o diretor do colégio subiu ao palco para anunciar o grande orador da turma, o nome de Davi ecoou pelo salão.

O jovem subiu ao palco, mas antes de começar seu discurso, pediu a palavra para um anúncio especial:

— Senhoras e senhores, hoje é um dia de vitória para mim, mas eu não estaria aqui se não fosse pelo exemplo de persistência da minha mãe. E por falar em exemplo... mãe, pode subir aqui ao palco, por favor?

Confusa e com as bochechas coradas, Beatriz subiu os degraus sob os aplausos do público. No centro do palco, havia um grande manequim coberto por um lençol dourado.

Davi puxou o lençol com um movimento dramático.

Lá estava ele. **O legítimo tubinho preto**, impecável, brilhando sob as luzes do auditório. Ao lado dele, sorrindo timidamente, estava uma senhora de cabelos brancos que Beatriz não via há décadas: **Dona Aurora, a antiga dona do brechó da cidade!**

O público aplaudiu de pé enquanto Davi explicava, emocionado:

— Há seis meses, eu e a Vitória descobrimos a chave da gaveta. Nós pegamos o vestido escondido... mas não para roubá-lo. Nós descobrimos, por meio de uma etiqueta antiga, que o vestido que o papai mandou fazer na verdade não era uma réplica... o brechó nunca tinha vendido o vestido original de 18 anos da mamãe! Dona Aurora o guardava em seu acervo pessoal

todos esses anos por puro carinho. Papai comprou o original achando que era uma cópia!

Davi continuou, com os olhos brilhando: — Nós pegamos o vestido em segredo para trazê-lo até a Dona Aurora, que passou os últimos meses restaurando o tecido original, que estava frágil, e costurando os botões de madrepérola que estavam caindo — um dos quais eu acabei derrubando no jardim sem querer quando o trouxe de volta ontem à noite! A terra no corredor e a janela aberta foram apenas o meu disfarce de 'espião' malfeito para que você não desconfiasse de nada, mamãe!

Beatriz abraçou o filho chorando, mas desta vez de pura felicidade. O mistério estava resolvido. O tubinho preto não era apenas uma lembrança do passado, nem apenas uma réplica; era a história viva de sua vida, que agora vestia o presente e abraçava o futuro de seus filhos.

O Caso do Tubinho Preto — Parte II

A Chave de Veludo

A chuva começou naquela madrugada sem trovões, fina e silenciosa, como se o céu quisesse esconder alguma coisa.

Na casa da família Patriarca, o velho relógio da sala marcava 2h17 quando Beatriz despertou abruptamente. Não sabia explicar o motivo. Apenas sentia o peito apertado, tomado por uma inquietação estranha.

Ao lado da cama, Antônio dormia profundamente.

Ela levantou devagar, calçando as pantufas, e caminhou pelo corredor escuro. A casa inteira estava silenciosa... silenciosa demais.

Então ouviu.

Um som metálico.

“Clac.”

Vindo do escritório.

Beatriz parou imediatamente.

A porta estava entreaberta.

E ela tinha certeza absoluta de que a havia deixado fechada antes de dormir.

Com o coração acelerado, aproximou-se lentamente. A luz do abajur piscava fraca. Papéis estavam espalhados pelo chão. Gavetas haviam sido abertas.

Mas não havia ninguém ali.

Ou quase ninguém.

Sobre a mesa de Antônio repousava um pequeno envelope preto, selado com cera vermelha.

No centro do selo havia o desenho de um botão de madrepérola.

Beatriz sentiu um arrepio subir pela espinha.

— Antônio... — sussurrou, despertando o marido às pressas.

Quando ele abriu o envelope, encontrou apenas uma frase escrita à mão:

“O vestido nunca pertenceu à sua família.”

O Segredo de Dona Aurora

Na manhã seguinte, Beatriz foi imediatamente procurar Dona Aurora.

A velha dona do brechó agora morava em uma pequena casa cercada de roseiras no alto da cidade. Apesar da idade avançada, continuava elegante, usando seus colares antigos e luvas rendadas mesmo dentro de casa.

Ao ouvir sobre a carta, Dona Aurora perdeu completamente a cor do rosto.

As mãos começaram a tremer.

— Não... — murmurou ela. — Eles encontraram vocês.

Beatriz sentiu o estômago gelar.

— “Eles” quem?

Aurora caminhou até uma antiga cristaleira e retirou uma caixa de veludo azul-marinho. Dentro havia fotografias antigas, recortes de jornal amarelados e uma chave prateada com símbolos gravados.

— O vestido não era apenas um vestido — revelou ela.
— Ele fazia parte de uma coleção desaparecida há mais de quarenta anos.

Vitória, agora com 15 anos e completamente apaixonada por investigação criminal, arregalou os olhos.

— Coleção desaparecida?

Aurora assentiu lentamente.

— Em 1978, uma famosa estilista chamada Celina Montargis criou cinco vestidos exclusivos para mulheres influentes da cidade. Cada peça escondia algo costurado entre os tecidos... documentos secretos, joias, códigos... ninguém sabia ao certo. Mas, poucos dias após o desfile de lançamento, Celina desapareceu sem deixar rastros.

Davi cruzou os braços.

— E o tubinho preto era um deles?

Aurora fechou os olhos.

— O mais importante deles.

A Mulher da Estação

Naquela mesma tarde, Vitória percebeu algo estranho enquanto observava a rua pela janela da cozinha.

Uma mulher alta, vestida com sobretudo vinho e chapéu preto, estava parada do outro lado da avenida.

Imóvel.

Observando a casa.

Quando Vitória abriu a porta para chamá-la, a mulher entrou rapidamente em um carro escuro e desapareceu.

Mas deixou algo cair na calçada.

Uma pequena chave de veludo preto.

Amarrada nela, havia uma etiqueta:

“Estação Ferroviária — Plataforma Desativada — 23h.”

A Plataforma Abandonada

Contra a vontade de Antônio, os irmãos decidiram investigar sozinhos.

Às 22h45, Vitória e Davi chegaram à antiga estação ferroviária da cidade. O lugar estava abandonado havia décadas. Trilhos enferrujados desapareciam no escuro. O vento fazia placas antigas rangerem como lamentos.

A plataforma desativada ficava nos fundos.

E alguém já os esperava ali.

A mulher do sobretudo vinho.

Sob a luz fraca de um poste quebrado, ela retirou lentamente o chapéu.

Vitória prendeu a respiração.

Ela era incrivelmente parecida com Beatriz.

Os mesmos olhos castanhos.

O mesmo formato do rosto.

A mulher falou em voz baixa:

— Meu nome é Helena Montargis.

Davi empalideceu.

— Montargis... como a estilista desaparecida?

Helena assentiu.

— Celina era minha mãe.

O silêncio caiu pesado entre eles.

Então Helena revelou algo ainda pior:

— O desaparecimento dela não foi um acidente. Ela foi assassinada por pessoas que queriam encontrar o que estava escondido dentro do tubinho preto.

Vitória sentiu as pernas enfraquecerem.

— O que havia escondido nele?

Helena encarou os dois.

— Um mapa.

O Compartimento Oculto

Naquela madrugada, a família inteira reuniu-se na sala.

O tubinho preto estava cuidadosamente estendido sobre a mesa.

Helena examinava cada costura com extrema atenção.

Até que encontrou.

Na barra interna do vestido havia um alinhavo diferente dos demais.

Ela puxou delicadamente o fio.

Um pequeno compartimento secreto se abriu entre os tecidos envelhecidos.

Dentro dele havia apenas três objetos:

- uma fotografia antiga em preto e branco;
- um medalhão dourado;
- e metade de um mapa desenhado à mão.

No verso da fotografia estava escrito:

“Nunca confie no homem do relógio.”

Antônio franziu a testa.

— Quem é o homem do relógio?

Mas antes que alguém respondesse...

As luzes da casa se apagaram.

Um estrondo ecoou na cozinha.

Vidros quebraram.

E uma voz masculina surgiu na escuridão:

— Entreguem o mapa... ou a próxima geração da família Patriarca pagará o preço.

O Início da Caçada

Na manhã seguinte, a cidade inteira comentava sobre a invasão na casa da família Patriarca.

Gael reapareceu dizendo ter visto um homem fugindo pelos fundos durante a madrugada. Dona Hermínia jurava ter

reconhecido o símbolo do selo vermelho em documentos antigos do falecido prefeito da cidade.

Enquanto isso, Helena fazia uma descoberta assustadora:

A metade do mapa apontava para um lugar conhecido por todos... mas que ninguém visitava há décadas.

O antigo Teatro Imperial.

Um prédio fechado desde um incêndio misterioso ocorrido em 1981 — exatamente três anos após o desaparecimento de Celina Montargis.

Quando Vitória ampliou a fotografia antiga com uma lupa, percebeu algo escondido ao fundo da imagem.

Uma figura masculina usando um relógio de bolso preso ao colete.

E no relógio havia gravadas as mesmas iniciais encontradas na chave prateada:

“A.V.”

Davi olhou para a irmã em silêncio.

Vitória engoliu seco.

Porque ambos conheciam apenas uma pessoa na cidade com aquelas iniciais.

Seu próprio pai.

Antônio Vieira Patriarca.

E naquele instante, pela primeira vez em muitos anos...

Vitória começou a suspeitar que o maior segredo do tubinho preto nunca esteve escondido no vestido.

Mas dentro da própria família.

.

O Caso do Tubinho Preto — Parte final

O Homem do Relógio

A chuva voltou naquela noite.

Pesada.

Violenta.

Os relâmpagos iluminavam a sala da família Patriarca enquanto o silêncio sufocava cada pensamento. Sobre a mesa ainda estavam a fotografia antiga, o medalhão dourado e a metade do mapa.

E agora havia também uma dúvida impossível de ignorar.

Antônio Vieira Patriarca.

As mesmas iniciais gravadas no relógio.

“A.V.”

Vitória foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Pai... o que está acontecendo?

Antônio permaneceu imóvel.

Os olhos fixos na fotografia.

Pela primeira vez em muitos anos, Beatriz percebeu algo que nunca tinha visto no marido:

Medo.

Não medo por si mesmo.

Mas medo do passado.

O Nome Que Nunca Foi Contado

Antônio caminhou lentamente até a janela.

A chuva escorria pelo vidro.

Então ele falou:

— Meu nome não era Antônio Vieira Patriarca.

Todos o encararam.

— Quando eu nasci... meu sobrenome era Valença.

O coração de Beatriz disparou.

Helena empalideceu imediatamente.

— Augusto Valença... — sussurrou ela.

Antônio fechou os olhos.

— Meu pai.

Helena deu um passo para trás, como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés.

— Seu pai foi o homem que trabalhou com minha mãe.

Antônio assentou-se lentamente.

— E também foi o homem acusado pela morte dela.

O silêncio caiu como uma sentença.

A Verdade Sobre Celina Montargis

Na década de 70, Celina Montargis não era apenas uma estilista famosa.

Ela também atuava secretamente ajudando mulheres vítimas de violência doméstica a fugir da cidade usando documentos falsos escondidos em roupas de alta-costura.

Os vestidos da coleção especial funcionavam como esconderijos.

Cada peça continha informações, dinheiro, nomes e rotas de fuga.

O tubinho preto era o mais importante porque guardava a localização de um cofre secreto onde estavam provas contra homens poderosos da cidade — políticos, empresários e policiais envolvidos em corrupção e desaparecimentos.

Augusto Valença, pai de Antônio, era relojoeiro e amigo íntimo de Celina. Foi ele quem criou os compartimentos secretos dentro das roupas.

Mas, quando a rede criminosa descobriu o esquema, tudo desmoronou.

O Teatro Imperial foi incendiado para destruir documentos.

Celina desapareceu naquela mesma semana.

E Augusto foi acusado pelo crime.

— Mas ele era inocente — disse Antônio, com a voz embargada. — Meu pai tentou protegê-la.

Vitória apertou os braços da cadeira.

— Então por que o senhor nunca contou isso?

Antônio abaixou a cabeça.

— Porque meu pai me fez prometer que eu esconderia nossa identidade. Ele dizia que, enquanto o mapa existisse, alguém continuaria procurando por ele.

O Cofre Submerso

Helena uniu as duas partes do mapa.

A imagem revelou algo inesperado.

Não levava ao Teatro Imperial.

O teatro era apenas uma distração.

O verdadeiro destino era o reservatório subterrâneo construído abaixo do prédio.

Um antigo sistema inundado de túneis esquecidos pela prefeitura.

Davi observou um símbolo desenhado próximo ao ponto final do mapa.

— O medalhão.

Helena assentiu.

— É a chave do cofre.

A Última Armadilha

Na madrugada seguinte, os cinco seguiram até o Teatro Imperial.

A construção abandonada parecia ainda mais assustadora sob a tempestade. O cheiro de mofo e madeira queimada impregnava o ar.

Gael insistiu em acompanhá-los.

Dona Hermínia também apareceu inesperadamente, carregando uma lanterna enorme e dizendo:

— Alguém precisa garantir que vocês não façam besteira.

Apesar da tensão, Vitória sorriu pela primeira vez em dias.

Descendo por uma escadaria escondida atrás do palco destruído, o grupo encontrou um corredor inundado.

No fim dele havia uma porta de ferro marcada pelo mesmo símbolo do selo vermelho.

Antônio encaixou o medalhão.

“Clac.”

A porta se abriu lentamente.

Lá dentro existia um pequeno cofre protegido da água.

Mas, no instante em que Davi se aproximou...

Uma voz ecoou atrás deles.

— Finalmente.

Todos se viraram.

O homem usava capa escura.

E segurava um revólver antigo.

Gael empalideceu.

— Eu conheço ele...

O desconhecido retirou o chapéu.

Era Álvaro Ventura.

O antigo prefeito da cidade.

Oficialmente morto havia vinte anos.

O Homem Que Nunca Morreu

Álvaro Ventura sorria calmamente.

— Celina foi muito inconveniente — disse ele. — E Augusto Valença também.

Helena tremia de raiva.

— Você matou minha mãe.

— Não pessoalmente — respondeu ele friamente. — Mas ordenei.

Beatriz sentiu o sangue gelar.

Álvaro caminhou lentamente pelo salão inundado.

— Durante décadas procurei esse mapa. Augusto conseguiu escondê-lo dentro do vestido antes que encontrássemos tudo.

Antônio avançou furioso.

— Meu pai morreu fugindo de vocês.

— E agora o filho dele terminou o serviço para mim.

Álvaro apontou a arma para Davi.

— Abra o cofre.

Vitória segurou a mão do irmão.

Mas Antônio deu um passo à frente.

— Não.

O disparo ecoou.

Beatriz gritou.

Mas Antônio não caiu.

Dona Hermínia havia empurrado o marido segundos antes do tiro.

A bala atingiu uma tubulação enferrujada.

A pressão da água explodiu violentamente.

O corredor começou a inundar.

O Segredo Final

No caos da água invadindo o reservatório, Davi conseguiu abrir o cofre.

Dentro havia dezenas de documentos protegidos por caixas metálicas impermeáveis.

Contratos.

Fotografias.

Nomes.

Provas de corrupção, assassinatos e desaparecimentos.

E também uma fita cassete.

Helena colocou a fita em um antigo gravador encontrado no local.

A voz de Celina Montargis preencheu o salão:

“Se você está ouvindo isso, significa que eu provavelmente não sobrevivi. Álvaro Ventura controla esta cidade há anos. Augusto Valença tentou me salvar. Ele é inocente.”

Antônio começou a chorar silenciosamente.

A gravação continuava:

“O tubinho preto nunca foi importante pelo tecido... mas pelas vidas que ajudou a proteger.”

Álvaro tentou fugir.

Mas Gael o interceptou na escadaria.

Os dois lutaram.

A arma deslizou pelo chão.

Vitória correu e a empurrou para dentro da água profunda.

Segundos depois, sirenes começaram a ecoar do lado de fora.

Dona Hermínia havia chamado a polícia antes mesmo de entrar no teatro.

O Último Botão de Madrepérola

Três meses depois, a cidade inteira acompanhava o julgamento histórico de Álvaro Ventura e dos envolvidos no antigo esquema de corrupção.

O nome de Augusto Valença foi oficialmente inocentado.

Celina Montargis recebeu homenagens públicas por salvar dezenas de mulheres ao longo dos anos.

O Teatro Imperial seria restaurado e transformado em centro cultural.

E o tubinho preto...

Foi colocado em exposição permanente dentro de uma redoma de vidro no novo memorial da cidade.

Na inauguração, Beatriz observava emocionada enquanto crianças ouviam a história da peça lendária.

Vitória sonhava em estudar criminologia.

Davi havia iniciado faculdade de Direito.

Gael tornou-se amigo inseparável da família.

Até Dona Hermínia ganhou uma placa de honra por “coragem inesperada em circunstâncias absurdamente perigosas”.

Quando a cerimônia terminou, Beatriz aproximou-se sozinha da redoma.

O vestido parecia ainda mais bonito sob a luz dourada do museu.

Então percebeu algo.

Preso discretamente na barra interna do tecido havia um pequeno botão de madrepérola que ela nunca tinha visto antes.

Ela sorriu.

Porque finalmente entendeu.

O tubinho preto jamais carregou apenas mistérios.

Carregou memórias.

Coragem.

Amor.

E a prova de que algumas histórias nunca são costuradas apenas com linhas...

Mas com as marcas eternas das pessoas que escolhem proteger umas às outras.

FIM

